



**O homem que tomou conta do papa Francisco: a história por trás da carta de Vigandò**

**The New York Times**

Foto acima: O arcebispo Carlo Maria Viganò, em Chicago em 2014, abalou totalmente a Igreja Católica Romana.

“Quando a linha da falsificação foi apresentada em outubro de 2018, observou-se que Francisco tinha poderosos inimigos entre os aliados do ex Papa Bento XVI. Em particular o Arcebispo Viganò, que tinha escrito uma crítica mordaz a Francisco, pedindo a sua demissão. Para aqueles que seguem o crescente cisma dentro da Igreja Católica entre esta facção socialmente conservadora e o Papa Francisco socialmente liberal, os artigos seguintes podem ser de interesse. Mostra a facção católica socialmente conservadora, cujos líderes incluem o arcebispo Viganò e o cardeal Sarah, o cardeal Mueller e o cardeal Zen - a sua crença no Coronavírus sendo um enredo de estado profundo para trazer a "nova ordem mundial", e teorias conspiratórias semelhantes.”

Élder Tess

Artigo original

**By Jason Horowitz**

**28/08/2018**

ROMA - Às 9h30 da quarta-feira passada, o arcebispo Carlo Maria Viganò apareceu no apartamento de Roma de um repórter conservador do Vaticano com um colarinho simples, um boné de beisebol das Montanhas Rochosas e uma história explosiva para contar.

O arcebispo Viganò, ex-diplomata-chefe do Vaticano nos Estados Unidos, passou a manhã trabalhando lado a lado com o repórter em sua mesa de jantar em uma carta de 7.000 palavras que pedia a renúncia do Papa Francisco, acusando-o de encobrir o abuso sexual e confortar uma "corrente homossexual" no Vaticano.

O jornalista, Marco Tosatti, disse que suavizou a narrativa. O arcebispo enfurecido não trouxe provas, disse ele, mas forneceu o talento, condenando as redes homossexuais dentro da igreja que agem "com o poder de tentáculos de polvo" para "estrangular vítimas inocentes e vocações sacerdotais".

"A poesia é toda dele", disse Tosatti.

Quando a carta terminou, o arcebispo Viganò se despediu, desligando o celular. Mantendo seu destino em segredo, porque ele

estava "preocupado com sua própria segurança", disse Tosatti, o arcebispo simplesmente "desapareceu".

A carta, publicada no domingo, desafiou o papado do Papa Francisco e abalou totalmente a Igreja Católica Romana. O papa disse que não vai dignificá-lo com uma resposta, mas as alegações desencadearam uma guerra civil ideológica, com o geralmente sombrio golpe do Vaticano dando lugar a um combate aberto.

A carta expôs conflitos ideológicos profundos, com os conservadores pegando em armas contra a visão inclusiva de Francisco de uma igreja menos focada em questões de divisão, como aborto e homossexualidade. Mas o arcebispo Viganò - que ele próprio foi acusado de impedir uma investigação de má conduta sexual em Minnesota - também parece estar acertando contas antigas.

Como embaixador papal, ou núncio, nos Estados Unidos, o arcebispo Viganò ficou do lado dos guerreiros da cultura conservadora e usou seu papel na nomeação de novos bispos para colocar conservadores leais em San Francisco, Denver e Baltimore. Mas ele se viu congelado após a eleição do papa Francisco.

Então, em 2015, ele pessoalmente entrou em conflito com Francis. Sua decisão de convidar um crítico ferrenho dos direitos dos gays para cumprimentar o papa em Washington durante uma visita aos Estados Unidos desafiou diretamente a mensagem inclusiva de Francisco e provocou uma controvérsia que quase ofuscou a viagem.

Juan Carlos Cruz, um sobrevivente de abusos com quem Francis conversou longamente, disse que o papa recentemente disse que o arcebispo Viganò quase sabotou a visita convidando a crítica Kim Davis, uma funcionária do condado de Kentucky que se tornou uma causa conservadora famosa quando se recusou a conceder licenças de casamento para casais do mesmo sexo.

"Eu não sabia quem era essa mulher, e ele a levou para me cumprimentar - e é claro que eles fizeram uma publicidade completa disso", disse o Papa Francisco, segundo Cruz.

"E fiquei horrorizado e demiti o núncio", recordou o papa Cruz.

Agora, três anos depois, o arcebispo Viganò parece estar tentando retribuir o favor.

Conhecido por seu temperamento e ambição curtos, o arcebispo Viganò entrou em conflito com os superiores que atrapalharam sua ascensão na igreja e desempenhou um papel fundamental em alguns dos mais impressionantes escândalos do Vaticano nos últimos tempos.



**Marco Tosatti, jornalista, ajudou o arcebispo Viganò a compor uma carta que pedia a renúncia do papa Francisco**

Enquanto o arcebispo Viganò, que já foi criticado pelos tradicionalistas da igreja como excessivamente pragmático, se alinhou a um pequeno, mas influente, grupo de tradicionalistas da igreja que passaram anos procurando parar Francisco, muitos de seus críticos acham que seus ressentimentos pessoais são centrais para suas motivações.

Depois que um líder da igreja o enviou do Vaticano para a América, frustrando suas esperanças de receber um chapéu de cardeal escarlate, os memorandos particulares de 2011 do arcebispo Viganò - muitos deles profundamente desagradáveis para o líder responsável por sua expulsão de Roma - vazaram e espalharam-se pelo mundo. globo.

Os partidários do arcebispo Viganò, que não retornaram um pedido de comentário, se irritam com a noção de que sua carta pedindo ao papa que renuncie representa a fúria de uma excelência insatisfeita. Eles o retratam com princípios e chocados com o que ele vê como a destruição da igreja que ele ama.

Tosatti disse que o arcebispo havia explicado a ele que, como bispo, ele sentia uma profunda responsabilidade perante a igreja e que, como um homem de 77 anos, queria limpar a consciência para quando chegasse o momento. Mas ele disse que o arcebispo também ficou furioso com um artigo recente na imprensa italiana que simpatiza com o papa Francisco e critica seu antecessor, o papa Bento XVI - e acha que precisa retaliar.

O arcebispo Viganò é bem versado nas lutas internas do Vaticano. Em 1998, ele se tornou um oficial central do poderoso gabinete de secretário de Estado do Vaticano. Na carta, ele escreve que suas responsabilidades incluíam supervisionar os embaixadores no mundo, mas também o "exame de casos delicados, incluindo os referentes a cardeais e bispos".

Foi então que ele disse que soube dos abusos cometidos pelo cardeal Theodore E. McCarrick, o líder católico americano cuja história ele diz que o Papa Francisco conhecia há anos - e encoberto.

Em 2009, o arcebispo Viganò, então bispo, foi transferido para outro emprego no Vaticano, com menos influência na política, mas com poder sobre parte de sua receita.

Conhecido como parcimonioso, ele transformou o déficit da Cidade do Vaticano em um excedente. Mas seu estilo de gestão exigia queixas e e-mails anônimos, alegando que ele estava promovendo inadequadamente a carreira de seu sobrinho, começaram a circular no Vaticano. Seu estilo e rigor na verificação de contratos do Vaticano também incomodaram alguns líderes, incluindo o Secretário de Estado Tarcisio Bertone, e uma reportagem anônima no jornal italiano Il Giornale alegou que ele tinha projetos nos serviços de segurança do Vaticano.

O cardeal Bertone, que o arcebispo Viganò escreve na carta "notoriamente favoreceu a promoção de homossexuais", o baniou para os Estados Unidos.

Durante toda a sua luta pelo poder, o arcebispo Viganò havia escrito apelos urgentes a Bento para permanecer no Vaticano.

Ele disse que precisava ficar porque seu irmão, um estudioso bíblico jesuíta, estava doente e precisava de cuidados, e acusou o cardeal Bertone de quebrar sua promessa de promovê-lo ao posto de cardeal.

Em 2012, quando ele já estava nos Estados Unidos como núncio, ou embaixador, as cartas começaram a aparecer em vazamentos eventualmente afixados no mordomo do papa. O escândalo consumiu o Vaticano e provocou intenso recuo.

Mas o irmão do arcebispo Viganò, Lorenzo Viganò, disse a jornalistas italianos que seu irmão "mentiu" a Bento que ele tinha que permanecer em Roma "porque ele tinha que cuidar de mim, doente". Pelo contrário, ele disse que morava em Chicago e estava bem e que não conversava com o irmão há anos sobre uma disputa de herança.



Juan Carlos Cruz, um sobrevivente de abuso sexual que falou com o papa Francisco.

O arcebispo Viganò manteve sua posição como embaixador nos Estados Unidos após a eleição de Francisco. Mas na carta publicada domingo, ele alegou que o ex-cardeal McCarrick "orquestrou" a seleção

de bispos cegados por uma ideologia gay que ele culpa pela crise dos abusos sexuais.

No entanto, o arcebispo Viganò também foi acusado de encobrir a má conduta. Segundo documentos divulgados como parte de uma investigação criminal na arquidiocese de St. Paul-Minneapolis, ele ordenou aos bispos em abril de 2014 que anulassem uma investigação sobre as acusações de que o arcebispo John Nienstedt se envolveu em má conduta sexual com homens adultos e seminaristas adultos.

O arcebispo Viganò, antecipando as críticas, deu a Tosatti uma declaração negando esses relatórios.

Depois de irritar Francis durante o episódio de Kim Davis, o arcebispo Viganò foi chamado de volta a Roma para se explicar. Em um sinal de seu desejo de voltar permanentemente, ele se recusou a desistir de seu apartamento no Vaticano. Relatos da mídia italiana nesta semana afirmaram que, depois de retirar o arcebispo Viganò de sua posição, o papa Francisco também o expulsou de seu apartamento no Vaticano.

Mas o arcebispo Viganò voltou com frequência de sua casa em Milão, unindo forças com tradicionalistas antagônicos ao papa Francisco.

E ele voltou neste verão para trabalhar na carta.

Há cerca de um mês, Tosatti disse que recebeu uma ligação do arcebispo perguntando se poderia encontrá-lo em um local discreto. O arcebispo Viganò contou ao repórter sua história, mas disse que não estava pronto para gravar.

Mas quando surgiram as notícias de décadas de abusos clericais na Pensilvânia, Tosatti instou o arcebispo a contar sua história. Em 22 de agosto, ele voltou, desta vez com uma declaração escrita.

Tosatti disse que não viu documentos ou outras evidências e, após três horas, eles terminaram.

O arcebispo perguntou ao Sr. Tosatti se ele conhecia alguém que pudesse publicá-lo em inglês e espanhol. Tosatti enviou a carta ao Registro Nacional Católico, que pertence a uma empresa que administra várias plataformas católicas conservadoras, muitas vezes críticas a Francisco.

"Eles estão todos empatados", disse Tosatti, que disse que só ele ajudou a redigir e distribuir a carta.

A publicação foi adiada, não para explodir a viagem de Francis à Irlanda no fim de semana em meio à crise de abuso sexual, disse ele, mas para que pudesse ser traduzida.

Depois que terminaram de escrever, Tosatti disse que acompanhou o arcebispo Viganò até a porta e curvou-se para beijar seu anel, apenas para ver a mão recuar.

O Sr. Tosatti explicou que não era um respeito pessoal que ele queria mostrar, mas um respeito pelo seu cargo e autoridade.

"Não é para você", lembrou Tosatti, dizendo que as lágrimas brotavam nos olhos do arcebispo. "É para o papel que você tem."

O arcebispo disse a ele: "Agora que terminei, posso sair e deixar Roma também", segundo o Sr. Tosatti.

"Onde você irá?" O Sr. Tosatti lembrou de perguntar.

"Eu não vou lhe dizer para que, quando eles perguntarem, você não precise mentir - e eu desligarei meu telefone", disse o arcebispo, segundo o repórter, que disse que os dois homens suspeitavam que o Vaticano tocava em seus telefones.

<https://www.nytimes.com/2018/08/28/world/europe/archbishop-carlo-maria-vigano-pope-francis.html>

\*Traduzido pelo Google Translate